



# RABELAIS GARGÂNTUA & PANTAGRUEL

VOLUME II

Introdução, Tradução do original francês e Notas

MANUEL DE FREITAS

Ilustrações

GUSTAVE DORÉ



## ÍNDICE

### O QUARTO LIVRO

	Prólogo [1548] . . . . .	9
	Prólogo do autor [1552] . . . . .	22
CAPÍTULO I	Como Pantagruel se fez ao mar para visitar o oráculo da divina bacbuc . . . . .	37
CAPÍTULO II	Como Pantagruel, na ilha de Medamothi, comprou várias coisas belas . . . . .	41
CAPÍTULO III	Como Pantagruel recebeu uma carta do seu pai, Gargântua, e da estranha maneira de saber muito rapidamente notícias de países estrangeiros e distantes . . . . .	44
CAPÍTULO IV	Como Pantagruel escreve ao seu pai, Gargântua, e lhe envia várias belas e raras coisas . . . . .	47
CAPÍTULO V	Como Pantagruel encontrou um barco de viajantes que regressavam do país dos Lanterneses . . . . .	51
CAPÍTULO VI	Como, apaziguada a disputa, Panurge negocia com Dindenault um dos seus carneiros . . . . .	54
CAPÍTULO VII	Continuação da negociação entre Panurge e Dindenault . . . . .	57
CAPÍTULO VIII	Como Panurge fez com que se afogassem no mar o mercador e os carneiros . . . . .	60

CAPÍTULO IX	Como Pantagruel chegou à ilha de Ennasin e das estranhas alianças do país. . . . .	63
CAPÍTULO X	Como Pantagruel desceu à ilha de Cheli, onde reinava São Panigon . . . . .	69
CAPÍTULO XI	Porque gostam os monges de estar na cozinha . .	72
CAPÍTULO XII	Como Pantagruel passou procuração e da estranha maneira de viver entre os Chicanous . . . . .	75
CAPÍTULO XIII	Como, a exemplo de mestre François Villon, o senhor de Basché louva o seu pessoal . . . . .	81
CAPÍTULO XIV	Continuação dos Chicanous espancados na casa de Basché . . . . .	85
CAPÍTULO XV	Como o Chicanou vem renovar os antigos costumes das bodas . . . . .	88
CAPÍTULO XVI	Como frade Jean testou a natureza dos Chicanous	92
CAPÍTULO XVII	Como Pantagruel passou as ilhas de Tohu e Bohu, e da estranha morte de Bringuenarilles, engolidor de moinhos de vento . . . . .	97
CAPÍTULO XVIII	Como Pantagruel escapou a uma forte tempestade no mar . . . . .	101
CAPÍTULO XIX	Como se comportaram Panurge e frade Jean durante a tempestade . . . . .	105
CAPÍTULO XX	Como os marinheiros deixam ir os navios no auge da tempestade. . . . .	109
CAPÍTULO XXI	Continuação da tempestade, e breve discurso sobre testamentos feitos no mar. . . . .	112
CAPÍTULO XXII	Fim da tempestade . . . . .	115
CAPÍTULO XXIII	Como, terminada a tempestade, Panurge se armou em bravo companheiro. . . . .	118
CAPÍTULO XXIV	Como frade Jean prova que Panurge teve medo sem razão durante a tormenta . . . . .	121
CAPÍTULO XXV	Como depois da tempestade Pantagruel desceu à ilha dos Macreons. . . . .	124
CAPÍTULO XXVI	Como o bom Macrobe conta a Pantagruel a residência e a partida dos heróis . . . . .	128
CAPÍTULO XXVII	Como Pantagruel raciocina sobre a partida das almas heróicas, e dos prodígios horríficos que precederam a morte do senhor de Langey . . . . .	131

ÍNDICE

CAPÍTULO XXVIII	Como Pantagruel conta uma história pungente acerca do falecimento dos heróis . . . . .	136
CAPÍTULO XXIX	Como Pantagruel passou a ilha de Tapinois, na qual reinava Quaresmeprenant . . . . .	139
CAPÍTULO XXX	Como Xenómanes descreve e anatomiza Quaresmeprenant . . . . .	142
CAPÍTULO XXXI	Anatomia de Quaresmeprenant quanto às partes externas . . . . .	145
CAPÍTULO XXXII	Continuação das posturas de Quaresmeprenant	148
CAPÍTULO XXXIII	Como Pantagruel avistou um monstruoso fisitero perto da ilha Farouche . . . . .	152
CAPÍTULO XXXIV	Como o monstro fisitero foi vencido por Pantagruel . . . . .	155
CAPÍTULO XXXV	Como Pantagruel desembarca na ilha Farouche, antiga morada das linguças . . . . .	159
CAPÍTULO XXXVI	Como as linguças ferozes preparam uma emboscada contra Pantagruel . . . . .	162
CAPÍTULO XXXVII	Como Pantagruel mandou chamar os capitães Riflandouille e Tailleboudin, com um notável discurso sobre os nomes próprios dos lugares e das pessoas . . . . .	166
CAPÍTULO XXXVIII	Como os humanos não devem menosprezar as linguças . . . . .	172
CAPÍTULO XXXIX	Como frade Jean se alia aos cozinheiros para combater as linguças . . . . .	174
CAPÍTULO XL	Como frade Jean mandou construir uma porca e encerrou dentro dela os valentes cozinheiros . . .	176
CAPÍTULO XLI	Como Pantagruel pôs as linguças de joelhos . . .	182
CAPÍTULO XLII	Como Pantagruel parlamenta com Niphleseth, rainha das linguças . . . . .	186
CAPÍTULO XLIII	Como Pantagruel desembarcou na ilha de Ruach	189
CAPÍTULO XLIV	Como pequenas chuvas abatem grandes ventos	194
CAPÍTULO XLV	Como Pantagruel desembarcou na ilha dos Papa-Figos . . . . .	197
CAPÍTULO XLVI	Como o pequeno diabo foi enganado pelo trabalhador de Papa-figueira . . . . .	202

CAPÍTULO XLVII	Como o diabo foi enganado por uma velha de Papa-figueira. . . . .	206
CAPÍTULO XLVIII	Como Pantagruel desembarcou na ilha dos Papimanos. . . . .	210
CAPÍTULO XLIX	Como Homenaz, bispo dos papimanos, nos mostrou as uranopetes <i>decretais</i> . . . . .	214
CAPÍTULO L	Como Homenaz nos mostrou o arquétipo de um papa. . . . .	217
CAPÍTULO LI	Pequenas conversas durante o almoço, em louvor das <i>decretais</i> . . . . .	220
CAPÍTULO LII	Continuação dos milagres trazidos pelas <i>decretais</i>	226
CAPÍTULO LIII	Como por virtude das <i>decretais</i> é o ouro subtilmente tirado de França para Roma . . . . .	231
CAPÍTULO LIV	Como Homenaz deu a Pantagruel peras de bom cristão . . . . .	235
CAPÍTULO LV	Como no alto mar Pantagruel ouviu diversas palavras descongeladas. . . . .	237
CAPÍTULO LVI	Como entre as palavras geladas Pantagruel descobriu palavrões. . . . .	240
CAPÍTULO LVII	Como Pantagruel desceu à residência de monsenhor Gaster, primeiro mestre-de-artes do mundo	243
CAPÍTULO LVIII	Como na corte do mestre inventor Pantagruel detestou os engastrimitas e os gastrólatras . . . . .	248
CAPÍTULO LIX	Da ridícula estátua chamada Manduce, e como, e que coisas, os gastrólatras sacrificam ao seu deus ventripotente. . . . .	251
CAPÍTULO LX	Como os Gastrólatras sacrificavam ao seu deus nos dias magros intercalados . . . . .	255
CAPÍTULO LXI	Como Gaster inventou os meios de ter grão e de o conservar . . . . .	259
CAPÍTULO LXII	Como Gaster inventou a arte e os meios de não ser ferido nem atingido por tiros de canhão . . . . .	262
CAPÍTULO LXIII	Como Pantagruel dormitava perto da ilha de Chaneph, e os problemas que se lhe colocaram quando despertou. . . . .	266
CAPÍTULO LXIV	Como Pantagruel não respondeu aos problemas colocados . . . . .	269

## ÍNDICE

CAPÍTULO LXV	Como Pantagruel passa o tempo com os seus companheiros. . . . .	273
CAPÍTULO LXVI	Como perto da ilha de Ganabim, por ordem de Pantagruel, foram saudadas as musas . . . . .	276
CAPÍTULO LXVII	Como Panurge se acagaçou com um medo descomunal e pensou que o grande gato <i>Rodilardus</i> era um diabrete. . . . .	280
APÊNDICE	Breve declaração de algumas expressões mais obscuras contidas no Quarto Livro dos Feitos e Ditos Heróicos de Pantagruel . . . . .	285
	<i>Notas</i> . . . . .	305

## O QUINTO E ÚLTIMO LIVRO

	Prólogo de mestre François Rabelais para o Quinto Livro dos Feitos e Ditos Heróicos de Pantagruel. . . . .	321
CAPÍTULO I	Como Pantagruel chegou à ilha Sonante, e do ruído que ouvimos . . . . .	327
CAPÍTULO II	Como a ilha Sonante tinha sido habitada pelos siticinos, que se transformaram em aves . . . . .	330
CAPÍTULO III	Como havia apenas um papagoto na ilha Sonante	333
CAPÍTULO IV	Como as aves da ilha Sonante eram todas migratórias . . . . .	337
CAPÍTULO V	Como as aves comilonas são mudas na ilha Sonante	341
CAPÍTULO VI	Como são alimentadas as aves da ilha Sonante . .	344
CAPÍTULO VII	Como Panurge contou a mestre Editus o apólogo do rocim e do burro . . . . .	347
CAPÍTULO VIII	Como, com grande dificuldade, nos foi mostrado o papagoto . . . . .	352
CAPÍTULO IX	Como nós desembarcámos na ilha das Ferragens	358
CAPÍTULO X	Como Pantagruel chegou à ilha de Cassade . . . .	361
CAPÍTULO XI	Como nós passámos pelo Guichet habitado por Grippeminaud, arquiduque dos Gatos Forrados	364

CAPÍTULO XII	Como nos foi proposto um enigma por Grippeminaud . . . . .	372
CAPÍTULO XIII	Como Panurge explica o enigma de Grippeminaud . . . . .	376
CAPÍTULO XIV	Como os Gatos Forrados vivem de corrupção . .	379
CAPÍTULO XV	Como frade Jean des Entommeures decide pôr a saque os Gatos Forrados . . . . .	382
CAPÍTULO XVI	Como nós passámos Odre e como Panurge esteve quase a ser morto . . . . .	387
CAPÍTULO XVII	Como o nosso navio encalhou e fomos ajudados por alguns viajantes que dependiam da Quinta .	389
CAPÍTULO XVIII	Como chegámos ao reino da Quinta-essência, chamado Enteléquia . . . . .	392
CAPÍTULO XIX	Como a Quinta-essência curava os doentes com canções . . . . .	395
CAPÍTULO XX	Como a rainha passava o tempo depois de almoçar	400
CAPÍTULO XXI	Como os oficiais da Quinta diversamente se exercitam e como a senhora nos reteve em estado de abstractores. . . . .	403
CAPÍTULO XXII	Como foi servida a rainha durante a ceia, e como ela comia . . . . .	407
CAPÍTULO XXIII	Como, em presença da Quinta, se fez um alegre baile em forma de torneio . . . . .	410
CAPÍTULO XXIV	Como combatem as trinta e duas personagens do baile. . . . .	413
CAPÍTULO XXV	Como desembarcámos na ilha de Odes, onde os caminhos caminham . . . . .	419
CAPÍTULO XXVI	Como passámos na ilha dos Tamancos, e da ordem dos irmãos Trinados . . . . .	422
CAPÍTULO XXVII	Como Panurge, ao interrogar um frade Trinado, só obteve dele respostas lacónicas . . . . .	428
CAPÍTULO XXVIII	Como a instituição da quaresma desagrada a Epistemon. . . . .	439
CAPÍTULO XXIX	Como nós visitámos o país de Cetim . . . . .	442
CAPÍTULO XXX	Como no país de Cetim nós vimos Ouvi-dizer fazer escola de testemunho . . . . .	447
CAPÍTULO XXXI	Como nos foi revelado o país dos Lanterneses . .	450

ÍNDICE

CAPÍTULO XXXII	Como desembarcámos no porto dos Licnobianos e entrámos no país dos Lanterneses. . . . .	451
CAPÍTULO XXXIII	Como chegámos ao oráculo da garrafa . . . . .	455
CAPÍTULO XXXIV	Como descemos debaixo do solo, para entrarmos no templo da garrafa, e como Chinon é a primeira cidade do mundo . . . . .	459
CAPÍTULO XXXV	Como nós descemos os degraus tetrádicos e do medo que Panurge teve . . . . .	461
CAPÍTULO XXXVI	Como as portas do templo por si mesmas se entreabriram admiravelmente . . . . .	466
CAPÍTULO XXXVII	Como o pavimento do templo estava feito com mosaicos admiráveis . . . . .	469
CAPÍTULO XXXVIII	Como na obra em mosaicos do templo estava representada a batalha que Baco ganhou contra os indianos . . . . .	472
CAPÍTULO XXXIX	Como no mosaico estavam representados o ataque e o assalto que o bom Baco fez contra os indianos. . . . .	476
CAPÍTULO XL	Como o templo estava iluminado por uma lamparina admirável. . . . .	480
CAPÍTULO XLI	Como a pontífice Bacbuc nos mostrou no interior do templo uma fonte fantástica . . . . .	483
CAPÍTULO XLII	Como a água da fonte sabia a vinho, segundo a imaginação dos bebedores . . . . .	484
CAPÍTULO XLIII	Como Bacbuc enfarpelou Panurge para ter a palavra da garrafa . . . . .	491
CAPÍTULO XLIV	Como a pontífice Bacbuc apresentou Panurge diante da dita garrafa . . . . .	493
CAPÍTULO XLV	Como Bacbuc interpreta a palavra da garrafa. . .	496
CAPÍTULO XLVI	Como Panurge e os outros rimam com furor poético . . . . .	499
CAPÍTULO XLVII	Como, depois de se terem despedido de Bacbuc, eles deixam o oráculo da garrafa . . . . .	504
	<i>Epigrama</i> . . . . .	507
	<i>Notas</i> . . . . .	509



das coisas fortuitas), são e atento, pronto a beber, se quiserdes. Perguntais-me vós porquê, pessoas de bem? Resposta irrefragável: é essa a vontade do tão bom, do tão grande Deus, ao qual me conformo, ao qual obedeco, do qual venero a sacrossanta palavra de boas novas que é o Evangelho, no qual em Lucas, 4, nos é dito, com horrível sarcasmo e sangrenta irrisão, a propósito do médico que negligencia a sua própria saúde: «Médico, cura-te a ti mesmo»<sup>(19)</sup>.

Cláudio Galeno manteve-se saudável não por reverência para com essas palavras, embora tivesse algum conhecimento das sagradas escrituras e convivido e privado com os santos cristãos do seu tempo, como se constata no livro II de *O Uso das Partes*, no livro II de *Variações do Pulso*, capítulo V, com o mesmo título, no livro III, capítulo II, e no livro *Doenças dos Rins* (caso seja mesmo de Galeno), mas por receio de cair nessa vulgar e satírica zombaria: Ἱητρός ἄλλων αὐτός ἐλκεσι βρούων – «Médico aos outros dedicado; está, porém, de úlceras infectado»<sup>(20)</sup>. De modo que, com grande orgulho, ele gaba-se e não quer ser estimado como médico se, desde os seus vinte e oito anos até à sua extrema velhice, não gozar de plena saúde, excepto algumas efémeras febres de curta duração, embora ele por natureza não fosse dos mais sãos e tivesse o estômago discrasiado<sup>(21)</sup> de forma evidente. «Porque – diz-nos no livro V de *Como Proteger a sua Saúde* – dificilmente se acreditará que um médico cuida da saúde de outrem quando negligencia a própria». Ainda mais orgulhosamente se gabava Asclepiades, médico, de ter estabelecido com a fortuna uma espécie de pacto: que deixasse de ser reputado médico se ficasse doente desde o tempo em que começou a praticar essa arte até à sua última velhice, à qual chegou inteiro e vigoroso em todos os seus membros, triunfando da fortuna. Por fim, sem qualquer doença precedente, trocou a vida pela morte, caindo por descuido do alto de certos degraus mal fixados e deteriorados.

Se por alguma desgraça a saúde se emancipou de vossas senhorias, em qualquer parte que seja dos vossos territórios, de baixo ou de cima, atrás, à frente, à direita, à esquerda, dentro, fora, longe ou perto, possais vós em breve reencontrá-la com a ajuda do nosso bendito Conservador. Assim que em boa hora a reencontrardes,

reclamai-a de imediato, reivindicai-a, agarrai-a e segurai-a. As leis permitem-vos, o rei compreende que o façais, eu aconselho-vos a fazê-lo, tal e qual como os legisladores antigos autorizavam o senhor a reivindicar o seu servo fugitivo, onde quer que fosse encontrado. Bom Deus e bons homens, não foi escrito e praticado, pelos antigos costumes deste tão nobre, tão vetusto, tão belo, tão florescente, tão rico reino de França, que «do morto se apropria o vivo»? Vede o que acerca disso recentemente foi exposto pelo bom, pelo douto, pelo sábio, pelo tão humano, pelo tão indulgente e equitativo André Tiraqueau<sup>(22)</sup>, conselheiro do grande, vitorioso e triunfante rei Henrique, segundo desse nome, no seu tão receado tribunal do parlamento em Paris. A saúde é a nossa vida, como tão bem declara Arifron de Sicónia<sup>(23)</sup>. Sem saúde a vida não é vida, a vida não pode ser vivida: ΑΒΙΟΣ ΒΙΟΣ ΑΒΙΩΤΟΣ<sup>(24)</sup>. Sem saúde, a vida não passa de um langor, a vida não passa de um simulacro da morte. Assim, pois, vós que estais privados de saúde, ou seja, mortos, apoderai-vos do vivo, apoderai-vos da vida, que é a saúde.

Tenho esta esperança de que Deus escutará as nossas orações, dada a firme fé com que nós as fazemos, e que realizará o nosso desejo, visto que este é mediano. A mediania foi considerada áurea pelos antigos sábios, ou seja, preciosa, louvada por todos, agradável em todos os locais. Percorrei as sagradas escrituras: descobrireis que aqueles a quem nunca foram ignoradas as orações eram os que pediam uma coisa mediana. Por exemplo, o pequeno Zaqueu, de quem os Musaphiz de Saint-Ail perto de Orleães se gabam de ter o corpo e as relíquias e que lhe chamam São Silvano. Ele desejava unicamente ver o nosso bendito Salvador perto de Jerusalém. Era uma coisa modesta de que falava a todos. Mas era demasiado pequeno e, por entre o povo, não conseguia fazê-lo. Ele sapateia, saracoteia-se, esforça-se, afasta-se, sobe a um sicómoro. O tão bom Deus, sabendo do seu sincero e modesto desejo, apresentou-se diante do seu olhar e não apenas foi visto por ele, como também ouvido, visitando ainda a sua casa e abençoando a sua família.

Um filho de profeta em Israel, que rachava madeira perto do rio Jordão, perdeu o ferro do seu machado (como está escrito em II,

Reis, VI) e este caiu dentro daquele rio. Ele rezou a Deus para lho voltar a dar. Era uma coisa modesta. E, com firme fé e confiança, lançou não o machado a seguir ao cabo, como em escandaloso solecismo cantam os diabos dos censores, mas o cabo a seguir ao machado, como vós propriamente dizeis. De súbito aconteceram dois milagres. O ferro levantou-se do fundo das águas e adaptou-se ao cabo. Se ele tivesse querido subir aos céus numa carroça flamejante, como Elías, multiplicar a sua linhagem como Abraão, ser tão rico como Job, tão forte como Sansão, tão belo como Absalão, tê-lo-ia conseguido? É uma boa pergunta.

A propósito de desejos modestos em matéria de machado (avisai-me quando for altura de beber), vou contar-vos o que está escrito entre os apólogos do sábio Esopo, o francês. Quero dizer, Frígio e Troiano, como afirma Máximo Planudo<sup>(25)</sup>, pois desse povo, segundo os mais verídicos cronistas, descendem os nobres Franceses. Eliano escreveu que ele foi Trácio; Agátias, na esteira de Heródoto, diz que ele nasceu em Samos. A mim, isso é-me indiferente.

No seu tempo, havia um pobre homem aldeão natural de Gravot, chamado Couillatris<sup>(26)</sup>, que abatia e rachava lenha, e, nesse baixo estado, ia ganhando a sua vida o melhor que podia<sup>(27)</sup>. Aconteceu-lhe perder o seu machado. Ah, o que ele ficou zangado e aborrecido com isso! Porque do seu machado dependiam o seu bem-estar e a sua vida; pelo seu machado vivia honrado e reputado no meio dos ricos que abatiam árvores; sem machado, morreria de fome. A morte, se o encontrasse sem machado seis dias depois, tê-lo-ia ceifado e arrancado deste mundo com a sua foice. Nessa aflição, ele começou a gritar, a rezar, a invocar Júpiter com discursos muito loquazes (pois vós bem sabeis que a eloquência foi inventada pela necessidade), levantando o rosto para os céus, com os joelhos no chão, a cabeça descoberta, os braços muito erguidos no ar, os dedos das mãos afastados, dizendo infatigavelmente em voz alta a cada refrão das suas súplicas: «O meu machado, Júpiter, o meu machado, o meu machado! Nada mais peço do que o meu machado, ou o dinheiro com que possa comprar outro. Ai de mim! O meu pobre machado!». Júpiter presidia a um Conselho sobre certos assuntos

urgentes, e opinava nesse momento a velha Cibele, ou então o jovem e claro Febo, se quiserdes. Mas a exclamação de Couillatris foi tão grande que a ouviram com grande pavor em pleno Conselho e consistório dos deuses.

«Que diabo — perguntou Júpiter — está lá em baixo a gritar tão horrificamente? Pelas virtudes do Estige, não temos nós estado



aquí ocupados, e não o estamos ainda, a tentar decidir tantos assuntos controversos e importantes? Já encerrámos o debate de Preste João, rei dos Persas, e do Sultão Solimão, imperador de Constantinopla. Fechámos a passagem entre os Tártaros e os Moscovitas. Respondemos ao pedido do xerife de Marrocos. E o mesmo fizemos quanto ao desejo de Dragut Rays<sup>(28)</sup>. O Estado de

Parma ficou resolvido, e também os de Magdeburgo, Mirandola e África (assim nomeiam os mortais o que, no mar Mediterrânico, nós chamamos Afrodísio). Trípoli, por descuido, mudou de senhor. Tinha chegado o seu período. Aqui estão os Gascões, arrependidos e pedindo o restabelecimento dos seus sinos. Neste canto estão os Saxões, os Hanseáticos, os Ostrogodos e os Alemães, povo outrora invencível e agora *aber keids*<sup>(29)</sup>, subjugado por um pequeno homem todo estropiado<sup>(30)</sup>. Eles pedem-nos vingança, auxílio, restituição do seu inicial bom-senso e da sua antiga liberdade.

Mas que havemos de fazer deste Rameau e deste Galland<sup>(31)</sup>, que, enfeitados com os seus moços de cozinha, apoiantes e partidários, confundem toda a academia de Paris? Isso deixa-me numa grande perplexidade. E ainda não decidi por qual das partes me devo inclinar. Qualquer delas me parece de modo diferente constituída por bons companheiros, cheios de colhões. Uma tem escudos com Sol, quero dizer belos e com bom peso; a outra gostava muito de os ter. Uma tem algum saber; a outra não é ignorante. Uma gosta de pessoas de bem; da outra gostam as pessoas de bem. Uma é uma fina e astuciosa raposa; a outra é maldizente, mal-escrevente e uiva como um cão contra os antigos filósofos e oradores. Diz-me, grande caralho de burro Príapo, o que pensas tu disto? Muitas vezes achei o teu conselho e a tua opinião equitativos e pertinentes: *et habet tua mentula mentem*<sup>(32)</sup>.

— Rei Júpiter — respondeu Príamo, tirando o seu capuz, de cabeça erguida, vermelha, flamejante e ousada —, já que comparais uma das partes a um cão uivante, e a outra a uma raposa subtilmente equipada, sou da opinião de que façais deles o que outrora fizestes de um cão e de uma raposa.

— O quê? — perguntou Júpiter. — Quando? Quem eram eles? Onde foi isso?

— Que bela memória! — respondeu Príapo. — Este venerável pai Baco, que vedes aqui de rosto carmesim, fizera, para se vingar dos Tebanos, uma raposa predestinada, de modo que nenhum animal do mundo a poderia agredir nem ofender, fosse qual fosse o prejuízo ou o mal que ela fizesse. Este nobre Vulcano fizera um

cão de bronze da Monécia e, à força de soprar, tornara-o vivo e animado. Ele deu-vos; vós deste-lo à vossa querida Europa. Ela deu-o a Minos, Minos a Prócris, Prócris deu-o por fim a Céfalo. Ele estava identicamente predestinado, de modo que, a exemplo dos advogados de agora, apanhava todo o animal que encontrava, nada lhe escapava. Aconteceu eles terem-se cruzado. Que fizeram então? O cão pelo seu destino fatal devia apanhar a raposa; a raposa, pelo seu destino, não devia ser apanhada. O caso foi relatado no vosso Conselho. Vós insististes em não vos opordes aos destinos. Os destinos eram contraditórios. A verdade, a finalidade, o efeito das duas contradições juntas foi declarado impossível por natureza. Vós transpirastes de fadiga. Do vosso suor, que caía na terra, nasceram as couves repolhudas. Todo esse nobre consistório, por falta de decisão categórica, sofreu então uma sede mirífica; e nesse Conselho foram bebidos mais de setenta e oito tonéis de néctar. Por sugestão minha, decidistes transformá-los em pedras. Subitamente ficastes longe de qualquer perplexidade; subitamente foram proclamadas tréguas de sede em todo o grande Olimpo. Foi o ano dos colhões moles, perto de Teumésia, entre Tebas e Cálcis. Segundo esse exemplo, sou da opinião de que petrifiqueis esse cão e essa raposa. A metamorfose não é incongruente. Ambos têm nome de pedra. E porque, segundo um provérbio de Limoges, para fazer a goela de um forno são necessárias três pedras, associá-los-íeis a mestre Pierre de Coingnet<sup>(33)</sup>, que outrora petrificastes por idêntico motivo. E essas três pedras mortas serão, numa figura trígona equilátera, colocadas no grande templo de Paris, ou no meio do paraíso, para que sejam apagadas com o nariz, como, no jogo do Foucquet, as velas, tochas, círios, pavios e archotes acendidos; os quais, vivos, iluminavam colhonicamente o fogo das facções, das inimizades, as seitas colhónicas e a parcialidade entre os ociosos estudantes. Fique para perpétua memória que estas pequenas filáucias colhoniformes antes devem por vós ser desprezadas do que condenadas. Tenho dito.

— Vós estais a favorecê-los — disse Júpiter —, pelo que vejo, belo *signore* Príapo. E assim não sois favorável a todos. Pois, já que tanto desejam perpetuar o seu renome e a sua memória, seria

para eles muito melhor, depois de terem vivido, verem-se convertidos em pedras duras e marmóreas do que regressarem à terra e à podridão. Aqui atrás, na direcção do mar Tirreno e locais circunvizinhos dos Apeninos, estais a ver que tragédias são suscitadas por certos pastóforos? Essa fúria durará o seu tempo como os fornos de Limoges; depois terminará, mas não tão depressa. Vamos ter muitas distracções. Vejo nisso um inconveniente: é que nós temos uma escassa munição de relâmpagos, desde o tempo em que vós outros, condeuses, tendo a minha autorização pessoal, os lançastes abundantemente para vos distrairdes sobre a nova Antioquia. Como mais tarde, seguindo o vosso exemplo, os elegantes campeões, que decidiram guardar a fortaleza de Dindenarois contra todos os assaltantes, consumiram as suas munições à força de atirar às guaritas. Não tiveram depois com que se defender quando precisaram de o fazer e valentemente cederam a praça e se renderam ao inimigo, que já levantava o seu cerco, completamente arrebatado e desesperado, e não tinha pensamento mais urgente do que fazer a retirada, seguida de curta vergonha. Ponde ordem nisto, meu filho Vulcano, ensinai os vossos adormecidos Ciclopes, Astéropes, Brontes, Arges, Polifemo, Estéropes, Piracmon, obrigai-os a trabalhar e fazei-os beber muito. Homens de fogo não devem poupar no vinho. Ora encarreguemo-nos daquele gritador lá em baixo. Vede, Mercúrio, quem é, e sabei o que nos pede.

Mercúrio espreita pelo alçapão dos céus, aquele por onde ouvem o que se diz cá em baixo na Terra e que se assemelha na perfeição a um escotilhão de navio (Icaroménipo dizia que parecia a goela de um poço); vê que se trata de Couillatris, que pede o seu machado perdido e vai relatá-lo ao Conselho.

— Realmente — disse Júpiter —, estamos bem arrançados. A esta hora, não teremos mais nada para fazer senão devolver machados perdidos? Porém, temos de lho devolver. Isso ficou escrito nos destinos, compreendeis? É como se valesse tanto como o ducado de Milão. Na verdade, este machado tem para ele o mesmo valor e a mesma estima que tem um reino para um rei. Pronto, pronto, que lhe seja devolvido esse machado. E não falemos mais do assunto.

Resolvamos agora o diferendo da clerezia e o do entoupeiramento de Landerousse. Em que ponto estávamos nós?

Príapo ficou de pé, junto da lareira. Ao ouvir o relato de Mercúrio, disse com toda a cortesia e com jovial honestidade:

— Rei Júpiter, no tempo em que, por vossa ordem e por vosso especial benefício, eu era guardião dos jardins da Terra, notei que esta expressão «machado» é equívoca em vários aspectos. Ela significa um certo instrumento por meio do qual se racha e corta madeira. Mas significa também (ou, pelo menos, significava outrora) a fêmea que amiúde se deixa devidamente cavalgar. E vi que todo o bom camarada chamava à catraia que lhe dava alegria «o meu machado». Pois com esta ferramenta – e ao dizer isso exibia a sua cunha dodrental<sup>(34)</sup> – lhes martelam tão vigorosamente e ousadamente as suas cavidades que elas ficam isentas de um medo epidémico entre o sexo feminino: que aquelas lhes caíssem do baixo-ventre até aos calcanhares, por falta desses ganchos. E lembro-me (pois tenho pissa, ou seja, um espírito suficientemente belo e grande para encher um pote de manteiga) de ter ouvido em tempos numa bela plateia, num dia de Tubilústrio<sup>(35)</sup>, durante as festas em Maio deste bom Vulcano, Josquin des Prez, Ockhegem, Obrecht, Agrícola, Brumel, Camelin, Vigoris, La Fage, Bruyer, Prioris, Seguin, La Rue, Midy, Moulu, Mouton, Guascoigne, Loyset Compère, Penet, Févin, Rouzée, Richafort, Rousseau, Consilion, Constanzo Festa, Jacques Berchem<sup>(36)</sup>, cantando melodiosamente:

O grande Tibault, indo-se deitar  
 Junto da sua tão nova mulher,  
 Achou por bem antes deixar  
 Um grande malhete sem ela o ver.  
 «Meu doce amigo (disse a mulher)  
 Que malhete vos vejo empunhar?»  
 «É (disse ele) para melhor vos martelar».  
 «Malhete? (disse ela) Olha que bagatela.  
 Quando o mangalho me vem consolar,  
 Ele apenas no cu me martela».

Nove olimpíadas e um ano intercalar depois (ó bela pissa, quero dizer ó espírito!; incorro muitas vezes em solecismo quanto ao significado e à concordância destas duas palavras), ouvi Adrien Willaert, Gombert, Janequin, Arcadelt, Claudin, Certon, Manchicourt, Auxerre, Villiers, Sandrin, Sohier, Hesdin, Morales, Passereau, Maille, Maillart, Jacotin, Heurteur, Verdelot, Carpentras, L'Héritier, Cadéac, Doublet, Vermont, Bouteiller, Lupi, Pagnier, Millet, Du Mollin, Alaire, Marault, Morpain, Gendre<sup>(37)</sup> e outros alegres músicos num jardim privado e coberto de belas árvores, à volta de um baluarte de garrafas, presuntos, empadas e diversas galdérias engalanadas que graciosamente cantavam:

Se é verdade que um machado sem cabo  
 Serve tão pouco como utensílio amputado,  
 Para que fiquem juntos de cabo a rabo  
 Tenho de ser eu o cabo, e tu o machado.

Temos agora de saber que tipo de machado pede este Couillatris berrador.

Ao ouvirem estas palavras, todos os veneráveis deuses e deusas desataram a rir, como um microcosmo de moscas. Vulcano, com a sua perna torta, fez, por amor da sua apaixonada, três ou quatro pequenos saltos rasantes.

— Vamos, depressa — disse Júpiter a Mercúrio —, descei agora mesmo lá abaixo e lançai aos pés de Couillatris três machados; o que era dele, outro de ouro e um terceiro de prata maciça, todos do mesmo calibre. Sendo-lhe dada a possibilidade de escolher, se pegar no seu e com isso ficar contente, dai-lhe os outros dois. Se pegar noutro que não o seu, cortai-lhe a cabeça com o machado que era dele. E que assim seja feito daqui em diante a estes perdedores de machados.

Ditas estas palavras, Júpiter, girando a cabeça como um macaco que engole comprimidos, fez um esgar tão pavoroso que todo o Olimpo tremeu.

Mercúrio, com o seu chapéu pontiagudo, a sua capa, os seus tamancos e o seu caduceu, atira-se pelo alçapão dos céus, atravessa

o vazio do ar, desce levemente à terra e lança aos pés de Couillatris os três machados, dizendo-lhe depois:

— Gritaste o suficiente para seres atendido. Júpiter escutou as tuas preces. Vê qual destes é o teu machado e leva-o contigo.

Couillatris levanta o machado de ouro; olha-o, e ele parece-lhe muito pesado. Diz a seguir a Mercúrio:

— Pela minha alma<sup>(38)</sup>, este não é de certeza o meu, não o quero.



O mesmo fez com o machado de prata e disse:

— Não, não é este. Ficai com ele.

Segurou depois na mão o machado de madeira; olhou para o fundo do cabo e reconheceu nele a sua marca e, vibrando de alegria como uma raposa que encontra galinhas extraviadas e sorrindo desde a ponta do nariz, disse:

— Santa mãe de Deus<sup>(39)</sup>, este é que é o meu. Se mo quiserdes deixar, sacrificar-vos-ei um bom e grande pote de leite, muito fino

e coberto de belos morangos, nos Idos (é o décimo quinto dia) de Maio.

— Bom homem — disse Mercúrio —, entrego-to, leva-o contigo. E porque escolheste e desejaste modestamente no que respeitava ao teu machado, por vontade de Júpiter ofereço-te estes dois. Tens com que te fazer rico daqui em diante. Que sejas um homem de bem.



Couillatris agradece cortesmente a Júpiter, venera o grande Júpiter, ata o seu velho machado à cintura de couro e estreita-o contra o cu, como São Martinho de Cambrai. Os outros dois, mais pesados, carrega-os ao pescoço. Assim se vai passeando pela região, fazendo boa cara aos da sua paróquia e aos vizinhos, e dizendo-lhes aquela pequena frase de Pathelin: «Tê-lo-ei eu?». No dia seguinte,

vestido com um gabão branco, carrega sobre as costas os dois preciosos machados, desloca-se a Chinon, cidade insigne, cidade nobre, cidade antiga, talvez até a primeira do mundo, segundo o julgamento e a asserção dos mais doutos massoretas. Em Chinon, ele troca o seu machado de prata por belas moedas de prata e outras moedas brancas, o seu machado de ouro por belos *saluts*, belos carneiros de grande lã, belos cavalos armados, belos reais, belos escudos com Sol. Com eles, compra muitas granjas, muitas quintas, muitas herdades, muitos casais, muitos palheiros, prados, vinhas, bosques, terrenos agrícolas, pastagens, pântanos, moinhos, jardins, salgueirais, bois, vacas, ovelhas, carneiros, cabras, bácoros, porcos, burros, cavalos, galinhas, galos, capões, frangos, gansas, gansos, patas, patos e pequenas aves de criação. E, em pouco tempo, tornou-se o homem mais rico da região, mais até do que Maulevrier, o coxo<sup>(40)</sup>.

Os camponeses e saloios da vizinhança, vendo esta feliz prosperidade de Couillatris, ficaram muito espantados; e, nos seus espíritos, a piedade e comiseração que antes sentiam pelo pobre Couillatris viu-se transformada em inveja pelas suas riquezas tão grandes e inopinadas. Assim começaram a correr, a investigar, a indagar, a informar-se por que meio, em que lugar, em que dia, a que horas, como e a que propósito lhe tinha chegado aquele grande tesouro. Ao ouvirem dizer que este se devia ao facto de ter perdido o seu machado, disseram: «Eh, eh, bastaria então perdermos um machado para ficarmos ricos? O meio é fácil e bem pouco custoso. É tal actualmente a revolução dos céus, a constelação dos astros e o aspecto dos planetas que quem perder um machado se torna de repente assim tão rico? Eh, eh, ah! Por Deus, machado, vou perder-te, e não te queixarás!». Todos perderam então os seus machados. Que fosse para o diabo quem continuasse a ter machado. Não havia filho de boa mãe que não perdesse o seu machado. Deixou-se de abater e de rachar madeira na região, devido a esta falta de machados.

O apólogo de Esopo diz ainda que certos gentios homens<sup>(41)</sup> de baixa condição, que tinham vendido um pequeno prado e um pequeno moinho a Couillatris para se poderem engalanar na

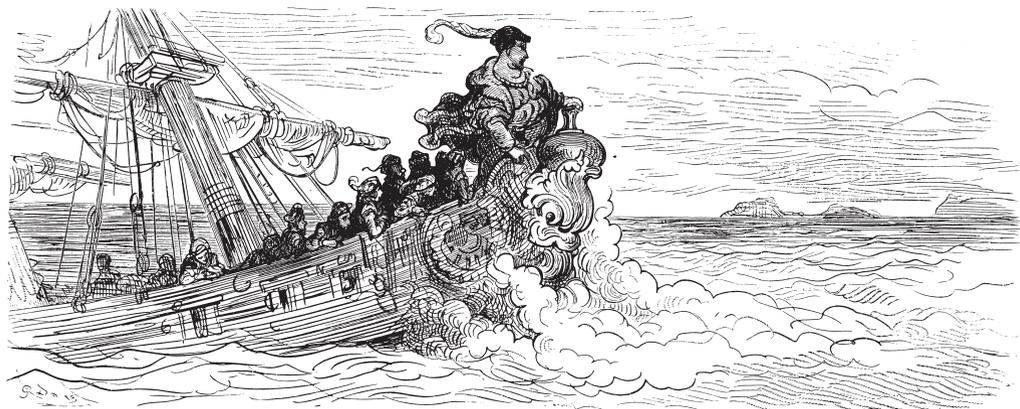
parada militar, ao saberem que aquele tesouro lhe tinha chegado assim e por aquele único meio, venderam as suas espadas para comprar machados, com o objectivo de os perderem, como faziam os camponeses, e de com essa perda obterem montões de ouro e de prata. Vós diríeis estar realmente perante pequenos peregrinos em Roma, vendendo o que era seu, pedindo emprestado a outrem, para comprarem um montão de benefícios a um Papa recentemente nomeado. E gritavam, suplicavam, lamentavam-se e invocavam Júpiter. «O meu machado, o meu machado, Júpiter! O meu machado para aqui, o meu machado para ali, o meu machado, oh, oh, oh, oh! Júpiter, o meu machado!». Todo o ar em volta retinia com os gritos e bramidos daqueles perdedores de machados.

Mercúrio apressou-se a levar-lhes machados, dando a escolher a cada um deles entre o que tinha perdido, um segundo de ouro e um terceiro de prata. Todos escolhiam aquele que era de ouro e recolhiam-no, agradecendo ao grande doador Júpiter. Mas quando o iam levantar do chão, curvados e inclinados, Mercúrio cortava-lhes as cabeças, obedecendo ao édito de Júpiter. E o número de cabeças cortadas foi igual e correspondente ao dos machados perdidos. Eis como são as coisas. Eis o que acontece àqueles que, com simplicidade, desejam e optam por coisas modestas. Tomai-o vós como exemplo, reles campónios trocistas, que dizeis que por dez mil francos de renda não abandonaríeis os vossos desejos. E doravante não faleis assim impudentemente, como por vezes vos ouvi desejar: «Deus queira que eu tenha agora cento e setenta e oito milhões em ouro. Ah, como eu triunfaria!». Pelas vossas más frieiras! Que mais desejaria um rei, um imperador, um Papa? Podeis também ver, por experiência, que, apesar de certos desejos excessivos, nem por isso o catarro e a varíola vos caíram no saco; tal como se viu no caso dos dois mendigos que faziam votos à moda de Paris. Dos quais um queria ter em belos escudos com Sol tantos quantos foram gastos, vendidos e comprados em Paris desde que para a edificar foram lançadas as primeiras fundações até ao momento presente; tudo estimado em taxas, somas e valores do ano mais dispendioso que ocorreu nesse lapso de tempo. Este, na vossa opinião, estaria

desgostoso? Teria comido ameixas amargas sem as descascar? Teria os dentes embotados? O outro desejava que o templo de Notre-Dame se enchesse de agulhas afiadas, desde o pavimento até à mais alta das abóbadas, e tivesse tantos escudos com Sol que os pudesse fazer meter noutros tantos sacos que pudessem ser cosidos por todas as agulhas, até que todas se partissem ou ficassem sem ponta. É isto desejável? Que vos parece? O que resultaria disso? À noite, tinham todos frieiras nos calcanhares, o pequeno cancro no queixo, no pulmão tosse sem freio, o catarro no gasganete, grande furúnculo no traseiro. E que vá para o diabo o pedaço de pão com que limpar os dentes!

Desejai, portanto, a modéstia; ela virá até vós e, melhor ainda, trabalhareis e estareis activos durante esse tempo. «Certo (dizeis vós), Deus também me daria setenta e oito mil como a décima terceira parte de uma metade. Pois ele é todo-poderoso. Um milhão de ouro é tão pouco para ele como um óbolo». Ai, ai, ai. E quem vos ensinou a discursar assim e a falar do poder e da predestinação de Deus, pobre gente? Paz. St, st, st<sup>(42)</sup>. Humilhai-vos diante do seu rosto sagrado e reconhecei as vossas imperfeições.

É nisso, gotosos, que eu fundo a minha esperança e creio firmemente que, se for do agrado do bom Deus, vós recuperareis a saúde, visto que nada mais do que saúde me vindes agora pedir. Aguardai ainda um pouco mais, com meia onça de paciência. Não é o que fazem os Genoveses, quando, de manhã, depois de terem nos seus escritórios e gabinetes discursado, reflectido e decidido de quem e de quais, nesse dia, poderão extorquir dinheiro; e qual, pelas suas astúcias, será enganado, roubado, aldrabado e intrujado, enquanto saem para a rua e se saúdam uns aos outros dizendo: «Saúde e ganhos, meu senhor»? Eles não se contentam com a saúde; querem, além disso, ganhos, ou até os escudos de Guadagni<sup>(43)</sup>. E por isso, muitas vezes, nem uma coisa, nem outra obtêm. Agora, com boa saúde, tossicai comvagar, bebei três copos, abanai alegremente as orelhas, pois ides ouvir as maravilhas do nobre e bom Pantagruel.



## CAPÍTULO I

### COMO PANTAGRUEL SE FEZ AO MAR PARA VISITAR O ORÁCULO DA DIVINA BACBUC

No mês de Junho, no dia das festas Vestais, aquele mesmo em que Bruto conquistou a Espanha e subjugou os Espanhóis, o mesmo também em que o avaro Crasso foi vencido e derrotado pelos Partas, Pantagruel, com a autorização do seu bom pai, Gargântua, o qual muito rezava (como era louvável costume fazer-se na igreja primitiva entre os santos cristãos) pela próspera navegação do seu filho e de todos os seus companheiros, fez-se ao mar no porto de Thalasse, acompanhado por Panurge, frade Jean des Entomeures, Epistemon, Gymnaste, Eusthenes, Rhizotome, Carpalim e outros bons servidores e velhos familiares; e também por Xenómanes, o grande viajante e explorador de caminhos perigosos, que tinha chegado alguns dias antes, por ordem de Panurge. Este, por certas e boas razões, tinha deixado e desenhado a Gargântua, na sua grande e universal Hidrografia, o caminho que seguiriam para visitar o oráculo da Divina Garrafa Bacbuc.

O número dos navios foi aquele que vos expus no terceiro livro, escoltados num mesmo número por galeras, lanchas, galeões

e liburnas; bem equipados, bem calafetados, bem munidos, com pantagruelião em abundância. A assembleia de todos os oficiais, intérpretes, pilotos, capitães, arrais, grumetes, remadores e marinheiros realizou-se no *Thalamege*. Assim se chamava o grande e soberano navio de Pantagruel, que tinha na popa como insígnia uma grande e ampla garrafa, metade de prata bem lisa e polida, metade de ouro esmaltado e de cor encarnada, o que tornava fácil perceber que branco e rosado eram as cores dos nobres viajantes e que eles partiam para obterem a palavra da Garrafa.

Por cima da popa do segundo navio estava pendurada uma lanterna antiga, engenhosamente feita de pedra esfengitada<sup>(44)</sup> e especular, indicando que eles iriam passar por Lanternoys. O terceiro tinha por divisa um belo e profundo hanapo de porcelana. O quarto, um pote com duas asas, como se fosse uma urna antiga. O quinto, um cântaro insigne de esperma de esmeralda. O sexto, uma grande taça monacal feita conjuntamente com os quatro metais. O sétimo, um funil de ébano todo adornado de ouro, em trabalho de incrustação. O oitavo, um copo de hera muito valioso, mesclado de ouro à maneira de Damasco. O nono, uma caneca de ouro fino e depurado. O décimo, uma taça de *Agalloche* (ao qual vós chamais madeira de aloé), ornado com ouro do Chipre, em trabalho de incrustação persa. O décimo primeiro, um cesto de vindima de ouro decorado com mosaicos. O décimo segundo, um barril de ouro baço coberto por uma parra de grossas pérolas índicas, como obra de topiária. De modo que não havia pessoa que estivesse tão triste, aborrecida, zangada ou melancólica, mesmo que se tratasse do lamuriento Heraclito, que não entrasse numa nova alegria e que, com o baço revigorado, não sorrisse ao ver aquele nobre cortejo de navios com as suas divisas; e que não dissesse que os viajantes eram todos bebedores, pessoas de bem, e que não julgasse, como um prognóstico garantido, que a viagem, tanto na ida como no regresso, seria feita com alegria e com perfeita saúde.

Foi então no *Thalamege* que decorreu a assembleia geral. Pantagruel fez-lhes ali uma breve e santa exortação, toda ela apoiada em passagens extraídas das sagradas escrituras, sobre o tema da

navegação. Terminada esta, foi feita uma sonora e clara oração a Deus, que ouviram e entenderam todos os burgueses e cidadãos de Thalasse que tinham acorrido ao molhe para ver o embarque.

Depois da oração foi melodiosamente cantado o salmo do santo rei David, que começa por «Quando Israel saiu do Egipto». Concluído o salmo, foram levadas mesas para a coberta do navio e



os alimentos chegaram prontamente. Os Thalassianos, que também tinham cantado o referido salmo, fizeram chegar das suas casas muitos víveres e muito vinho. Todos beberam à saúde deles. E eles à de todos. É por isso que ninguém da assembleia, ao navegar, vomita ou tem perturbações de estômago ou de cabeça. Inconvenientes aos quais não se teriam tão comodamente poupado se tivessem bebido

alguns dias antes água marítima, pura ou misturada com vinho, ou usando polpa de marmelo, casca de limão, sumo de romãs agrídoces ou fazendo uma longa dieta, ou cobrindo o estômago de papel, ou fazendo qualquer outra dessas coisas que os médicos loucos prescrevem aos que vão para o mar.

Após terem reiteradamente bebido muitas vezes, retiraram-se todos para os seus navios; e em boa hora fizeram vela sob o vento grego de Levante, pelo qual o piloto principal, chamado Jamet Brayer, tinha traçado a rota e orientado o magnete de todas as bússolas. Pois ele era da opinião, tal como Xenómanes, visto que o oráculo da Divina Bacbuc era perto de Catay, na Índia superior, de não seguir a rota habitual dos Portugueses, os quais passavam pela cintura ardente e pelo cabo da Boa Esperança junto à ponta meridional de África, ultrapassando a linha equinocial, perdendo de vista e de guia o eixo setentrional, e faziam assim uma navegação enorme. Ele pretendia, em vez disso, seguir o mais próximo possível o paralelo da referida Índia e girar à volta desse pólo por Ocidente, de maneira que, virando sob o setentrião, mantivessem uma latitude semelhante à do porto de Olonne, sem se aproximarem demasiado, com medo de entrarem e de ficarem retidos no mar Glacial. E seguindo este canónico desvio pelo mesmo paralelo, encontrariam à direita, na direcção do Levante, aquilo que ao partirem estava à sua esquerda.

O que lhes foi extremamente proveitoso. Pois sem naufrágio, sem perigo, sem perda da sua tripulação, em grande serenidade (excepto um dia perto da ilha dos Macreons) fizeram a travessia até à Índia superior em menos de quatro meses, o que aos Portugueses teria custado três anos a fazer, com mil aflições e inumeráveis perigos. E eu sou da opinião, salvo prova em contrário, de que essa rota fortuita foi seguida pelos Indianos que navegaram para a Germânia e foram honrosamente recebidos pelo rei dos Suevos, no tempo em que Quinto Metelo Céler era procônsul na Gália, como descrevem Cornélio Nepos, Pompónio Mela<sup>(45)</sup> e, depois deles, Plínio.



## CAPÍTULO II

### COMO PANTAGRUEL, NA ILHA DE MEDAMOTHI, COMPROU VÁRIAS COISAS BELAS

Nesse dia, e nos dois que se seguiram, não lhes apareceu terra nem nenhuma coisa nova. Pois outras vezes tinham já percorrido aquela rota. No quarto dia descobriram uma ilha chamada Medamothi, bela à vista e agradável, por causa do grande número de faróis e de altas torres de mármore que se estendiam por toda a costa, que não era mais pequena do que a do Canadá. Pantagruel, tentando saber quem a dominava, ficou a saber que era o rei Filófanes, então ausente devido ao casamento do seu irmão Filoteamon com a infanta do reino de Engis. Ele desceu então ao porto, enquanto os remadores se abasteciam de água doce, contemplando diversos quadros, diversas tapeçarias, diversos animais, peixes, aves e outras mercadorias exóticas e estranhas que estavam nos passeios do molhe e nos armazéns do porto. Pois era o terceiro dia das grandes e solenes feiras do lugar, nas quais anualmente se reuniam os mais ricos e famosos mercadores da África e da Ásia. Entre tanta oferta, frade Jean comprou dois quadros raros e preciosos, num dos quais estava fielmente retratado um queixoso, e no outro fora pintado um criado que procura dono, com todas as qualidades requeridas – gestos, atitude, figura, andar, fisionomia e expressões –, desenhado

e inventado por mestre Charles Charmois, pintor do rei Megisto<sup>(46)</sup>; e pagou-os fazendo várias macaquices.

Panurge comprou um grande quadro pintado e copiado da obra feita outrora por Filomela com agulhas, mostrando e representando à irmã como o seu cunhado Tereu a tinha desflorado e lhe cortara a língua para que ela não revelasse o crime<sup>(47)</sup>. Juro-vos pela ponta deste fanal que era uma pintura admirável e maravilhosa. Não penseis, peço-vos, que fosse o retrato de um homem a copular com uma rapariga. Isso seria demasiado estúpido e demasiado grosseiro. A pintura era muito diferente e mais inteligível. Podeis vê-la em Thelema, do lado esquerdo, quando entrais na grande galeria.

Epistemon comprou outra obra na qual estavam vivamente pintadas as ideias de Platão e os átomos de Epicuro. Rhizotome comprou outra pintura, na qual Eco estava representada ao natural.

Pantagruel mandou comprar por Gymnaste a vida e os feitos de Aquiles em setenta e oito peças de tapeçaria com grandes planos, que tinham quatro toesas de comprimento e três de largura, todas em seda da Frígia, bordada a ouro e prata. E a tapeçaria começava com as bodas de Peleu e de Tétis, continuava com o nascimento de Aquiles, a sua juventude descrita por Estácio Papínio, as suas acções e feitos de armas celebrados por Homero, a sua morte e exéquias descritas por Ovídio e Quinto Calabro<sup>(48)</sup>, terminando com o aparecimento da sua sombra e o sacrifício de Políxeno, descrito por Eurípedes. Ele mandou também comprar três unicórnios belos e jovens, um macho de pêlo alazão tostado e duas fêmeas de pêlo cinzento malhado. E ainda um tarando<sup>(49)</sup> que lhe foi vendido por um Cita da região dos Gelonos.

O tarando é um animal grande como um jovem touro, com uma cabeça semelhante à de um cervo, um pouco maior, com cornos insignes de largas ramadas, de pés bifurcados, pêlo comprido como o de um grande urso, a pele menos dura do que um corpete couraçado. E o Gelono dizia que não se encontravam muitos na Cítia, porque ele muda de cor segundo a variedade dos lugares nos quais pasta e habita. Imita a cor das ervas, das árvores, dos arbustos, das flores, dos locais, das pastagens, dos rochedos, de todas as coisas

das quais, de um modo geral, se aproxima. Tem isso em comum com o polvo marinho, que é o pólipo, com os chacais, com os lobos-tigre da Índia, com o camaleão, que é uma espécie de lagarto tão admirável que Demócrito fez um livro inteiro acerca do seu aspecto, anatomia, virtudes e propriedades mágicas. Também o vi mudar de cor, não apenas pela proximidade de coisas coloridas, mas até por si mesmo, segundo o medo e as sensações que tinha. Tal como num tapete verde o vi evidentemente enverdecer; mas, se ali ficasse mais algum tempo, tornar-se-ia amarelo, azul, castanho e em seguida violeta, tal como podeis ver a crista dos galos-da-índia mudar de cor consoante as suas paixões. Aquilo que nos pareceu mais admirável naquele tarando era o facto de não apenas o seu rosto e a sua pele, mas também o seu pêlo, adquirirem a cor das coisas que estavam próximas. Perto de Panurge, vestido com a sua toga cor de burel, o pêlo tornava-se cinzento; perto de Pantagruel, vestido com o seu manto escarlata, o pêlo e a pele avermelhavam-se; perto do piloto, vestido à moda dos sacerdotes isíacos de Anúbis no Egipto, o seu pêlo ficava todo branco. Estas duas últimas cores são negadas ao camaleão. Quando se sentia no seu estado natural, fora de qualquer medo ou inquietação, o seu pêlo era semelhante ao que podeis ver nos burros de Meung.